

SEIS PRINCÍPIOS DA NÃO-VIOLÊNCIA – Michael Nagler

A não-violência pode ser um modo seguro, eficaz e duradouro de desafiar a injustiça mas, como qualquer outra ciência, requer algum conhecimento – além de coragem e determinação. Michael Negler é fundador do Metta Center for Nonviolence e autor dos livros The Nonviolence Handbook: A Practical Guidebook e The Search for a Nonviolent Future.

Original em inglês em: <https://nonviolencemag.org/six-principles-of-nonviolence-be7f7a48cfac>

Tradução: Angelica Rente

Listo abaixo seis princípios gerais que podem auxiliar você a sustentar ações não-violentas mais seguras e eficazes e, ao mesmo tempo, a recuperar práticas não-violentas originárias de sua própria herança cultural. Estes princípios derivam, como você verá, de dois pontos básicos que devemos ter em mente:

Não somos contra pessoas, apenas contra as maneiras pelas quais elas estão agindo.

Os meios constroem os fins; nada bom pode resultar da violência.

1. Respeite a todos – inclusive a você mesmo

Quanto mais respeitamos aos outros, mais efetivamente podemos persuadi-los a mudar. Nunca use a humilhação como ferramenta – ou aceite a humilhação vinda de outros, porque ela degrada a todos. Lembre-se, ninguém degrada a você sem sua permissão.

Curar relações representa o sucesso real da não-violência, algo que a violência jamais conseguirá. Mesmo num caso de violência extrema, Gandhi sentiu que era possível odiar o pecado, não o pecador. Em 1942, quando a Índia era oprimida pelos britânicos e temia uma invasão japonesa, ela aconselhou seus compatriotas:

Se fossemos um país livre, as coisas poderiam ser feitas não-violentamente para evitar que os japoneses invadam o país. Da forma que é, a resistência não-violenta pode começar no momento em que os japoneses desembarcarem.

Assim, a resistência não-violenta se recusaria a oferecer qualquer ajuda, mesmo água. Pois não é parte de seu dever ajudar ninguém a roubar seu país. Mas, se um japonês se perdesse e estivesse morrendo de sede e pedisse ajuda como ser humano, um resistente não-violento, que não vê ninguém como seu inimigo, poderia dar água a ele. Supondo que os japoneses obrigassem os resistentes a dar água a eles, estes deveriam morrer no ato de resistir.

2. Sempre inclua alternativas construtivas

A ação concreta é sempre mais poderosa do que o mero simbolismo, especialmente quando esta ação cria alternativas construtivas: montar escolas, formar indústrias caseiras, estabelecer cooperativas de fazendeiros, desenhar sistemas financeiros comunitários. Como Buckminster Fuller disse: “Não se muda as coisas lutando contra a realidade existente. Para mudar algo, é preciso construir um novo modelo que torna o modelo existente obsoleto”.

Gandhi iniciou 18 projetos que possibilitaram que os indianos assumissem o controle de sua própria sociedade, tornando muito mais fácil “dispensar” as regras britânicas e estabelecer bases para sua própria democracia. O trabalho construtivo tem muitas vantagens:

Ele permite que as pessoas rompam sua dependência de um regime, criando seus próprios bens e serviços. Você não pode se livrar dos opressores se depender deles para aquilo que é essencial. Você não apenas está reagindo às ofensas, mas também tomando atitude. Ser proativo ajuda a eliminar a passividade, o medo e o desamparo.

Ele dá uma continuidade a um movimento, de forma que ele continue quando a resistência direta não for recomendada.

Estudos mostram que trabalhar em conjunto é o modo mais efetivo de unir pessoas. Isto constrói comunidade e reassegura ao público em geral que seu movimento não é um perigo para a ordem social.

Mais importante, o trabalho construtivo estabelece a infraestrutura que será necessária quando o regime opressor cair. Várias insurreições foram bem-sucedidas em desalojar um regime odiado, apenas para encontrar um novo conjunto de opressores ocupando rapidamente o vácuo.

Uma boa regra a seguir é: seja construtivo sempre que possível e obstrutivo sempre que necessário.

3. Cuidado com o longo prazo

A ação não-violenta sempre tem resultados positivos, as vezes mais do que o intencionado. Quando a China passou por uma fome severa na década de 1950, a filial norte-americana da organização Fellowship of Reconciliation organizou uma campanha pelo correio para fazer com o presidente Eisenhower mandasse comida para lá. Por volta de 35.000 estadunidenses fizeram parte. Nossa mensagem para o presidente era uma simples citação de Isaías: “Se seu inimigo tiver fome, alimente-o”. Parecia que não haveria resposta. Mas, 25 anos depois, nós soubemos que evitamos uma proposta de bombardear alvos na China continental durante a guerra da Coreia! Em uma reunião com seu Estado Maior, Eisenhower anunciou: “Senhores, não é hora de começarmos a bombardear os chineses, já que 35.000 norte-americanos querem que nós os alimentemos”.

A violência, por vezes, “funciona”, no sentido de que força a uma mudança particular, mas, a longo prazo, ela leva a mais miséria e desordem. Não temos controle sobre os resultados de nossas ações, mas podemos controlar os meios que usamos, mesmos nossos sentimentos e nossos estados mentais. Aqui está uma fórmula útil: a violência por vezes “funciona”, mas nunca funciona (para tornar as coisas ou as relações melhores, por exemplo). A não-violência por vezes “funciona” e sempre funciona.

Tenha objetivos claros. Apoie-se no essencial (como a dignidade humana) e seja claro sobre seus princípios, mas esteja pronto a mudar táticas ou compromissos com qualquer outra coisa. Lembre-se, você não está em uma luta por poder (apesar de que o oponente pode pensar diferente): você está em uma luta por justiça e dignidade humana. Na não-violência, você pode perder todas as batalhas e, ainda assim, seguir em frente e ganhar a guerra!

4. Busque por soluções ganha-ganha

Você está buscando reconstruir relações, e não ganhar “vitórias”. Em um conflito, podemos achar que para que um lado ganhe, o outro precisa perder, o que não é verdade. Assim, não pretendemos ser vencedores ou dominar os outros; buscamos aprender e tornar as coisas melhores para todos.

Durante negociações intensas sobre as leis de segregação em Montgomery, Alabama, Martin Luther King Jr fez uma observação interessante, que ele escreve em seu livro *Stride Toward*

Freedom: The Montgomery Story. Um advogado da companhia de ônibus que havia obstruído as demandas das pessoas afro-americanas pela dessegregação revelou a real fonte de sua objeção: “Se nós concedermos aos negros estas demandas, eles irão sair por ai se vangloriando de uma vitória sobre as pessoas brancas, e isso nós não iremos aturar”.

Refletindo sobre isso, King aconselhou os participantes do movimento a não se vangloriarem, lembrando a eles que: “Através da não-violência nós evitamos a tentação de nos aproveitarmos da psicologia dos vitoriosos”. A “psicologia dos vitoriosos” pertence à antiga dinâmica do eu-contra-você, mas a pessoa não-violenta vê a vida como uma “co-evolução” em direção à comunidade amada na qual todos podemos florescer. Nos vangloriamos de nossas “vitórias” pode, na verdade, desfazer ganhos duramente conquistados.

5. Use o poder com cuidado

Somos condicionados a pensar, especialmente no ocidente, que o poder “nasce do cano de uma arma”. Realmente há um poder que vem das ameaças da força bruta – mas que é impotente se nos recusarmos a compactuar com ele.

Há outro tipo de poder que vem da verdade. Digamos que você está reivindicando para eliminar uma injustiça. Talvez você falou de seus sentimentos através de ações de protesto polidas, mas firmes, mas ainda assim a outra parte não está respondendo. Então você deve, como disse Gandhi: “não falar só com a cabeça, mas comover o coração também”. Podemos tornar a injustiça clara ao assumirmos o sofrimento inerente a um sistema injusto. Isso nos permite mobilizar Satiagraha, ou “a força da verdade”. Em casos extremos, podemos precisar fazer isso com risco de nossas próprias vidas, daí ser importante estarmos muito claros sobre nossos objetivos. Faça isso com cuidado.

A história e, com frequência, nossa própria experiência, tem mostrado que mesmo hostilidades amargas podem se dissolver com este tipo de persuasão que visa abrir os olhos do oponente, e não coagi-lo. No entanto, há tempos em que precisamos usar alguma forma de coerção. Por exemplo, quando um ditador se recusa a entregar o governo, temos que agir imediatamente para acabar com as vastas quantidades de sofrimento humano causados pelo uso equivocado de poder desta pessoa. Ainda assim, são necessários pensamento estratégico e cuidado não-violento para fazê-lo corretamente. Mas, se tivermos tempo, usamos o poder da paciência, da persuasão e da persistência, ao invés de infligirmos sofrimento. As mudanças provocadas pela persuasão são duradouras: aquele que é persuadido permanece persuadido, mas quem é coagido está apenas esperando por uma chance de vingar-se.

6. Reivindique seu legado

A não-violência não precisa mais acontecer num vácuo. Sempre note que se você estiver usando-a com coragem, determinação e uma estratégia clara, você será bem sucedido: ganhe ou perca, você estará fazendo sua parte em uma grande transformação das relações humanas das quais nosso futuro depende.

Estes seis princípios são fundados na crença de que toda a vida é um todo interconectado e que, quando entendemos nossas reais necessidades, não estamos mais em competição com ninguém. Como Martin Luther King Jr disse, “Eu nunca serei aquilo que posso ser até que você seja aquilo que você pode ser. E você nunca será aquilo que pode ser até que eu seja aquilo que posso ser”.

